

A escravidão e o mundo rural

Apresentação do Módulo 2

No Brasil escravista, eram múltiplas e diversas as atividades dos homens e das mulheres, livres e escravos, nas cidades e no mundo rural. Neste módulo vamos examinar essa diversidade e conhecer um pouco mais sobre a vida no Brasil dos séculos XVIII e XIX.



Nesta aula

O tempo não pára, dizemos nós ao fim de cada aula. Mas será que nós, brasileiros do século XX, somos capazes de imaginar como era viver no Brasil do final do século XVIII? O que significava viver numa Colônia escravista? Será que conhecer esse modo de vida pode nos ajudar a conhecer um pouco mais a nós mesmos e a este Brasil em que vivemos?

Para entender como viviam homens e mulheres, livres e escravos, residentes no Brasil no final do período colonial, partiremos da história de um homem livre e pobre da Colônia: Domingos Vieira de Carvalho. Sua história foi parecida com a de muita gente daquela época.

A trajetória de Domingos Vieira de Carvalho

Nasce na Bahia, no final do século XVII. Ali, casa-se com Maria Cardoso, com quem tem dois filhos que não sobrevivem à primeira infância. Viúvo, migra para o Espírito Santo, onde se casa com Ana Gomes. Deste casamento nascem seis filhos legítimos que, segundo o pai, já haviam falecido quando ele redige seu testamento em Campos de Goitacazes, capitania da Paraíba do Sul, em 1704. Nesse documento, Domingos não menciona o destino de Ana Gomes, mas informa que ele deixara o Espírito Santo e se mudara para a vila de São Salvador dos Campos de Goitacazes, onde se casara com Maria Nunes. Com esta terceira esposa, Domingos tem mais quatro filhos. Em seu testamento, Domingos afirma que seu único bem é uma escrava mulata de idade avançada, chamada Antônia. Sua viúva, Maria Nunes, pede à justiça um atestado de pobreza, a fim de evitar a venda de Antônia para pagamento das dívidas do casal, no que é atendida.

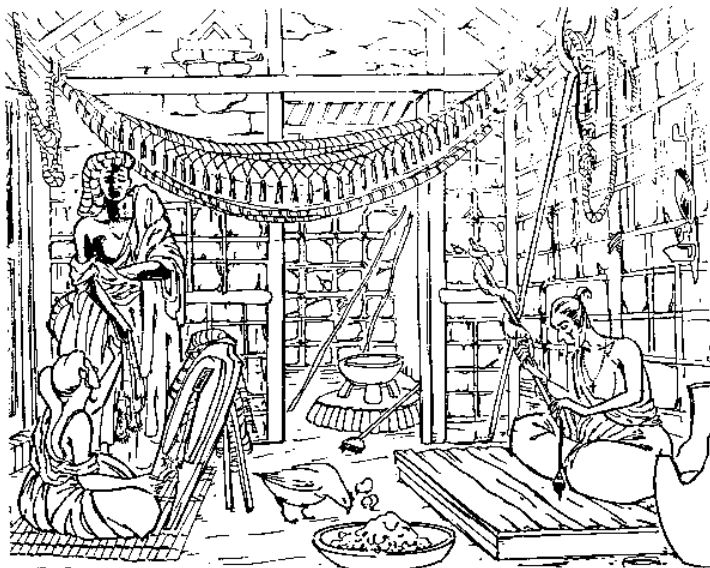
Mas as coisas se complicam para ela. Um filho de Ana Gomes, nascido no Espírito Santo, tenta qualificar-se como herdeiro no testamento, alegando ainda que Domingos era bígamo, pois sua mãe estava viva. Alega, também, que, além da escrava, seu pai possuía uma espingarda e um sítio, com roças de mandioca, onde residia, que não haviam sido mencionados no testamento.

Esta é a história de Domingos, suas três esposas e seus filhos, conforme podemos reconstituir a partir da leitura de seu testamento e de seu inventário, realizados há quase trezentos anos, no atual município de Campos, no Rio de Janeiro - que na época era a capitania de Paraíba do Sul. A partir dessa reconstituição podemos aprender muita coisa sobre a economia e a sociedade do Brasil colonial.

A primeira coisa que a gente descobre é que, além dos senhores de engenho todo-poderosos, a região da grande lavoura tinha também pequenos lavradores que viviam do plantio de mandioca, mas que, mesmo sem muitos recursos, podiam contar com a ajuda de um escravo. Tanto a Bahia, onde Domingos casou-se pela primeira vez, quanto a capitania da Paraíba do Sul, onde ele morreu, foram importantes produtoras de açúcar na economia colonial. No entanto, Domingos só plantava mandioca, cuja farinha vendia para os engenhos, para a cidade de Salvador ou para a vila de Campos dos Goitacazes. A agricultura que produzia para o mercado interno estava sempre na dependência das mandiocas de muitos "Domingos" e cresceria ainda mais depois da expansão das minas, no século XVIII.

Na história de Domingos, também dá para perceber a expansão das áreas de agricultura escravista e a migração da população livre e pobre. ***As pessoas iam se deslocando em busca de fortuna. E, nessa mesma época, milhares de "Domingos" estavam se dirigindo para Minas Gerais em busca de ouro.***

A partir da história de Domingos também se pode aprender a respeito dos altíssimos índices de ***mortalidade infantil***, que atingia tanto as crianças nascidas livres quanto as que nasciam escravas. Verificamos ainda a importância da família para o migrante que se tornava lavrador. Casar-se também podia significar a formação de alianças no local onde o migrante se instalava e a ajuda dos filhos para o trabalho agrícola, até que ele pudesse comprar um ou mais escravos. Domingos casou-se três vezes, talvez em busca de uma prosperidade que parece não ter conseguido.



Mesmo as famílias mais pobres queriam ter pelo menos um escravo.

A sociedade escravista

Na segunda metade do século XVIII, depois do declínio da mineração do ouro, a agricultura escravista voltada para a exportação tornou a se desenvolver no Brasil colonial. O plantio do algodão deu-se muito bem no Maranhão e forneceu matéria-prima para as primeiras fábricas de tecido que começavam a surgir na Europa. Novos engenhos de açúcar surgiram no Nordeste, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Na Bahia, chegou ao auge a cultura do tabaco, com o qual eram comprados escravos na África. Nas primeiras décadas do século XIX, expandiu-se a cultura do café no Rio de Janeiro, mais ou menos ao mesmo tempo em que se proclamava a Independência do país.



Novos engenhos de açúcar surgiram no Nordeste, no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Nos engenhos e nas fazendas

No final do século XVIII e nas primeiras décadas do século XIX, o Brasil colonial era, antes de tudo, uma sociedade escravista. Os escravos estavam nos engenhos e nas grandes fazendas, que possuíam mais de cinquenta escravos cada uma ou, às vezes, centenas deles. Estavam também nas pequenas e médias propriedades dos lavradores de cana e dos plantadores de tabaco e de algodão.

Neste tipo de empresa, os cativos podiam ser apenas dez, raramente somavam mais de vinte pessoas, entre o serviço da casa e da produção. Estavam, ainda, na pequena produção de porcos, de milho e de mandioca, onde dividiam a casa e o trabalho com os proprietários, os quais raras vezes possuíam mais de cinco cativos. Muito freqüentemente, esses proprietários tinham apenas um escravo, como no caso de Domingos, cem anos antes.

Tudo isso reforçava o sentido quase “natural” com que se encarava a continuidade da escravidão, tanto na época da Colônia quanto, mais tarde, no Império independente. Mesmo os libertos, ex-escravos que compravam ou recebiam **alforria**, freqüentemente também se tornavam proprietários de escravos. Todo homem livre se via como senhor de escravos em potencial, e a maioria dos escravos vivia em propriedades com menos de vinte cativos.

O tráfico, um grande negócio

Um texto da época, escrito em 1781, dizia: “*É prova de mendicidade extrema o não ter um escravo, ter-se-ão todos os incômodos domésticos, mas um escravo a toda lei*”.

Por isso, o tráfico de escravos para o Brasil transformou-se num grande negócio, controlado por comerciantes residentes nas cidades do Rio de Janeiro e de Salvador. No mesmo período, o comércio interno também se tornava bastante atraente para a Colônia.

A cidade do Rio de Janeiro ligava-se, pela **navegação de cabotagem** - aquela que se faz sempre perto da costa -, a todas as demais regiões coloniais. O comércio inter-regional crescia. Traficantes de escravos e outros grandes comerciantes acumularam enormes fortunas, nesse Brasil do final do período colonial.

O prestígio do senhor de escravos

Mesmo ganhando um pouco menos de dinheiro que os comerciantes, quem realmente tinha prestígio e importância era o fazendeiro e o senhor de muitos escravos. No século XVIII, o padre jesuíta Antonil já dizia que *"ser senhor de engenho é título a que muitos aspiram porque traz ser servido e respeitado de muitos"*.



Os escravos que executavam tarefas dentro da casa-grande geralmente não trabalhavam na lavoura.

Depois das primeiras décadas do século XIX, tornar-se fazendeiro de café era mais vantajoso economicamente e trazia grande prestígio. Muitos grandes comerciantes tornaram-se senhores de engenho e fazendeiros de café nesse período.

Ao se tornar um país independente, o Brasil continuava sendo uma sociedade essencialmente desigual. Cerca de 33% (um terço) de seus habitantes eram escravos e menos de 10% das pessoas livres controlavam a maior parcela da riqueza que o país produzia.



O tempo não pára

A ordem escravista não sofreu grandes transformações com o processo de independência de Portugal, nas primeiras décadas do século XIX. A escravidão permaneceu forte pelo menos até as décadas de 1830 e 1840. Nunca tantos escravos africanos ingressaram no Brasil como nessas duas décadas. Só que a forte pressão inglesa levou o governo brasileiro a terminar com o tráfico negreiro, no ano de 1850. A partir daí, sem a entrada de novos cativos, as bases da sociedade escravista brasileira começaram a ruir.

Exercícios

Relendo o texto

Leia mais uma vez o texto da aula, sublinhe as palavras que não entendeu e procure ver o que elas significam, no dicionário ou no vocabulário da Unidade.

1. Releia **A trajetória de Domingos Vieira de Carvalho** e retire do texto:
 - a) Um trecho que fale do deslocamento do agricultor em busca de melhores condições de vida.
 - b) Um trecho que demonstre a importância da família para os agricultores livres.
2. Releia **A sociedade escravista** e retire do texto trechos que demonstrem a forte presença do escravo na sociedade brasileira do século XVIII.
3. Dê um novo título a esta aula.

Fazendo a História

Num inventário de 1869, a descrição dos bens de Francisco Pinto Ferreira, a serem divididos entre os herdeiros, era a seguinte:

- uma casa coberta de palha, em terras de João Gomes da Cunha,
- uma cama marquesa,
- uma canastra (caixa) velha e
- um escravo de nome Felício, de 15 anos de idade.

(Cartório do 2º Ofício de Notas do Município de Silva Jardim - inventário *post-mortem*).

1. Descreva como vivia a maior parte dos homens livres e pobres no mundo rural.
2. Francisco Pinto, assim como Domingos Vieira, possuía apenas um escravo. Por que o fato de possuir um escravo era tão importante para agricultores livres como eles? Consulte o item **A sociedade escravista**.

